



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Artesãs Parakanã: A arte e territorialidade das mulheres indígenas da TI Apyterewa

Debora Rodrigues de Melo , Marcia Pires Saraiva 

¹ Universidade Federal do Pará, Altamira, PA, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0002-8253>

^{II} Universidade Federal do Pará, Altamira, PA, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0002-8253>

RESUMO

Este trabalho investiga a importância do artesanato produzido pelas mulheres Parakanã da Terra Indígena Apyterewa como ferramenta de preservação cultural e resistência identitária. A pesquisa, de abordagem qualitativa e etnográfica, analisa o papel dessas mulheres na transmissão de saberes tradicionais e na produção artesanal sustentável, destacando os desafios enfrentados devido aos impactos socioambientais da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. O estudo demonstra que a confecção de cestarias, colares e adornos é um processo que envolve conhecimento ecológico e práticas sustentáveis, reforçando a relação dos Parakanã com o território. Além disso, a comercialização do artesanato representa uma oportunidade econômica, ainda que enfrentando dificuldades como a desvalorização dos produtos e a apropriação cultural. A pesquisa evidencia que o artesanato não é apenas um meio de subsistência, mas um símbolo de resistência e identidade, sendo essencial para a valorização da cultura Parakanã. Assim, conclui-se que políticas públicas e iniciativas de apoio são fundamentais para garantir a continuidade dessa prática e fortalecer a autonomia das artesãs indígenas.

Palavras-chaves: Artesãs Parakanã, Artesanato, TI Apyterewa

Parakanã Artisans: The Art and Territoriality of Indigenous Women from the Apyterewa Indigenous Land

ABSTRACT

This study investigates the importance of the handicrafts produced by Parakanã women from the Apyterewa Indigenous Land as a tool for cultural preservation and identity resistance. Using a qualitative and ethnographic approach, the research analyzes the role of these women in transmitting traditional knowledge and sustainable craft production, highlighting the challenges faced due to the socio-environmental impacts of the Belo Monte Hydroelectric Plant. The study demonstrates that the making of baskets, necklaces, and ornaments involves ecological knowledge and sustainable practices, reinforcing the Parakanã people's connection with their territory. Furthermore, the commercialization of handicrafts presents an economic opportunity, despite difficulties such as product devaluation and cultural appropriation. The research shows that handicrafts are not just a means of

subsistence but also a symbol of resistance and identity, essential for the appreciation of Parakanã culture. Thus, it is concluded that public policies and support initiatives are fundamental to ensuring the continuity of this practice and strengthening the autonomy of indigenous artisans.

Keywords: Parakanã Artisans, Handicrafts, Apyterewa Indigenous Land

Artesanas Parakanã: El Arte y la Territorialidad de las Mujeres Indígenas de la Tierra Indígena Apyterewa Artesanas

RESUMEN

Este estudio investiga la importancia de la artesanía producida por las mujeres Parakanã de la Tierra Indígena Apyterewa como una herramienta de preservación cultural y resistencia identitaria. Mediante un enfoque cualitativo y etnográfico, la investigación analiza el papel de estas mujeres en la transmisión de saberes tradicionales y en la producción artesanal sostenible, destacando los desafíos enfrentados debido a los impactos socioambientales de la Central Hidroeléctrica de Belo Monte. El estudio demuestra que la confección de cestos, collares y adornos implica conocimientos ecológicos y prácticas sostenibles, reforzando la relación del pueblo Parakanã con su territorio. Además, la comercialización de la artesanía representa una oportunidad económica, aunque enfrenta dificultades como la devaluación de los productos y la apropiación cultural. La investigación evidencia que la artesanía no es solo un medio de subsistencia, sino también un símbolo de resistencia e identidad, siendo esencial para la valorización de la cultura Parakanã. Así, se concluye que las políticas públicas y las iniciativas de apoyo son fundamentales para garantizar la continuidad de esta práctica y fortalecer la autonomía de las artesanas indígenas.

Palabras Clave: Artesanas Parakanã, Artesanía, Tierra Indígena Apyterewa

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa investigar a relevância das mulheres Parakanã da TI Apyterewa na produção do artesanato. A prática artesanal, enraizada na história, tem sido um meio pelo qual as sociedades utilizam sua criatividade para elaborar ferramentas e adornos decorativos. Desde os primeiros objetos manufaturados, como as ferramentas de pedra para caça, o artesanato tem cumprido um papel essencial na adaptação e sobrevivência humana (Gell, 1998).

No contexto brasileiro, vestígios dessa tradição são encontrados em sítios arqueológicos no sudeste do Piauí, com especial destaque para a complexidade e a diversidade da produção artesanal indígena na Amazônia. O artesanato indígena não é apenas um meio de criar objetos úteis, mas também um canal de expressão cultural. Por meio dele, os povos indígenas preservam suas tradições, transmitem saberes e reforçam sua identidade coletiva. Conforme apontam Sennett (2012) e Lévi-Strauss (1989), os objetos produzidos artesanalmente vão além de meros artefatos; eles são portadores de símbolos culturais e históricos, sendo capazes de contar a trajetória e os valores de uma comunidade.

Nesse sentido, a preservação das práticas artesanais entre os povos indígenas, como os Parakanã, torna-se uma forma de resistência aos processos de homogeneização cultural impostos pela modernidade. Ao salvaguardar esses saberes ancestrais, o artesanato indígena também contribui para a sustentabilidade, pois muitas práticas artesanais utilizam recursos

naturais de maneira consciente e sustentável, em sintonia com o ambiente local e com os princípios ecológicos da comunidade (Tilley, 2008).

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, fundamentado em minha experiência prática enquanto assessora técnica no fortalecimento da cadeia produtiva e econômica do artesanato Parakanã, desenvolvido na Terra Indígena Apyterewa. Minha atuação como assessora técnica no fortalecimento da cadeia produtiva do artesanato Parakanã foi essencial para compreender os desafios e as potencialidades dessa prática cultural. Durante esse período, acompanhei de perto a produção artesanal, desde a coleta das matérias-primas até a comercialização dos produtos. Meu trabalho incluiu a organização de oficinas de capacitação, o suporte à formalização da produção e a intermediação com entidades externas para valorização do artesanato indígena. Essa vivência permitiu identificar não apenas os saberes transmitidos entre gerações, mas também os desafios enfrentados pelas mulheres Parakanã na manutenção dessa tradição. Simonian (2001) tem destacado a importância das mulheres indígenas na produção artesanal e segundo esta autora a produção artesanal tem estado conectada, desde muito tempo, com o comércio e com o processo de desenvolvimento da Amazônia.

A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte trouxe impactos significativos para a Terra Indígena Apyterewa, afetando diretamente a organização social, econômica e ambiental dos Parakanã. A implementação da UHE de Belo Monte alterou significativamente a dinâmica hídrica do rio Xingu, afetando diretamente as comunidades indígenas e suas atividades tradicionais. Segundo Marinho (2023):

[...] "na Volta Grande, a jusante do barramento principal da hidrelétrica Belo Monte, a vazão do rio Xingu foi reduzida para que a água fosse desviada para alimentar a maioria das turbinas do projeto [...]. Mas indígenas e camponeses ribeirinhos denunciam a ausência de água no perímetro de vazão reduzida, o que compromete seus modos de vida, ligados especialmente à pesca artesanal". (MARINHO, 2023, p. 19)

Essa escassez de água também gera dificuldades para a pesca e a coleta de matérias-primas essenciais ao artesanato, dificultando a continuidade da prática cultural e a economia das famílias Parakanã. Além disso, o aumento do contato com os "Tória" (não-indígenas ou "brancos") intensificou os desafios culturais, impondo novas formas de relação econômica e influenciando a transmissão dos saberes tradicionais. A luta dos Parakanã para manter suas práticas culturais diante desse cenário é uma forma de resistência e afirmação identitária.

As mulheres Parakanã desempenham um papel central na estrutura social da comunidade. Além de serem responsáveis pelo cuidado dos filhos e pela organização da vida na aldeia, elas também são guardiãs do saber artesanal, transmitindo técnicas e conhecimentos de geração em

geração. Esse aprendizado inicia-se na infância, através da observação e da participação ativa no processo produtivo. No entanto, as mulheres enfrentam desafios significativos, como a necessidade de equilibrar a produção artesanal com as demandas do dia a dia e a inserção no mercado formal sem comprometer a autenticidade de seus produtos.

Para a discussão deste trabalho, o artigo foi organizado em seis partes. A primeira aborda o problema de pesquisa, apresentando de forma clara as perguntas norteadoras que orientam a investigação. Em seguida, a segunda parte traz a justificativa e o contexto da pesquisa, destacando sua relevância acadêmica e social, com ênfase nos aspectos culturais, ambientais e econômicos envolvidos. A terceira parte expõe os objetivos do estudo, detalhando o objetivo geral e os objetivos específicos. Na quarta parte, é apresentada a hipótese, que orienta o desenvolvimento da pesquisa. A quinta parte descreve a metodologia adotada, com ênfase na abordagem qualitativa, nos métodos etnográficos utilizados e na bibliografia que sustenta o referencial teórico. Por fim, a sexta parte detalha o material e método, explicando o processo de coleta de dados e a interação com a comunidade Parakanã durante a realização do estudo.

1. Problema de pesquisa:

Como guardiãs de saberes tradicionais, essas artesãs enfrentam o desafio de preservar e transmitir suas habilidades em um cenário de grandes mudanças e pressões externas que ameaçam tais práticas. Diante das ameaças ao seu território e cultura, os indígenas do Xingu têm se mobilizado para garantir seus direitos. Marinho, Silva e Saraiva (2023) analisam essa resistência, destacando que:

[...] "a formação do Movimento Xingu Vivo Para Sempre (MXVPS) situa-se no contexto de construção da hidrelétrica Belo Monte. As disputas políticas que emergiram nesse contexto promoveram fraturas entre os movimentos/organizações sociais que atuavam no médio Xingu" (MARINHO; SILVA; SARAIVA, 2023, p. 13).

No caso dos Parakanã, a continuidade do artesanato não é apenas uma forma de preservação cultural, mas também um ato de resistência diante das transformações socioambientais impostas pelo empreendimento. Isso gera questões fundamentais sobre o papel do artesanato na valorização da identidade cultural Parakanã, os obstáculos na transmissão dos saberes e o impacto ambiental positivo que a prática pode oferecer por meio do uso sustentável de recursos naturais locais. Sobre isso, pergunta-se:

- 1) Como o artesanato contribui para a valorização da identidade cultural Parakanã?
- 2) Quais são os principais desafios enfrentados pelas mulheres Parakanã na transmissão dos saberes artesanais?

- 3) Como o uso de recursos naturais no artesanato ajuda na sustentabilidade ambiental da TI Apyterewa?
- 4) Quais noções de território aparecem sintetizadas na arte produzida pelas mulheres Parakanã?

2. Justificativa e o contexto da pesquisa

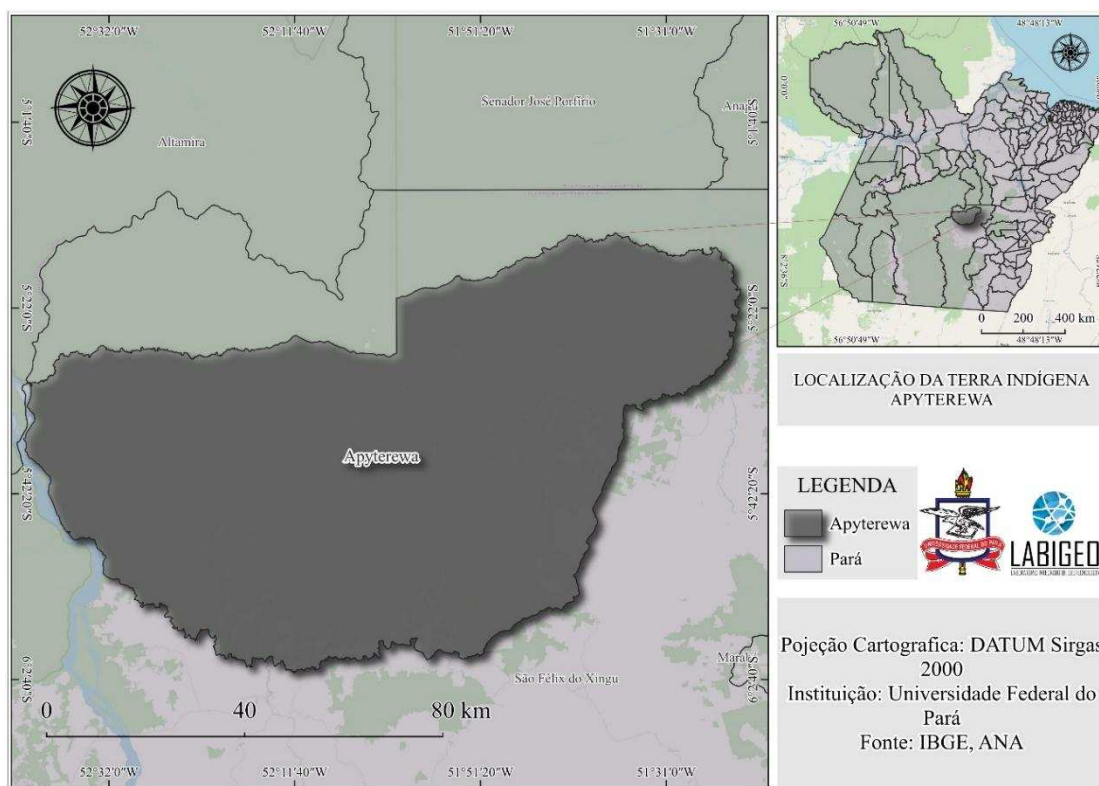
Os Parakanã são indígenas falantes de língua tupi-guarani e desde uma cisão interna ocorrida no final do século XIX, dividem-se entre Orientais, habitantes da T.I. Parakanã, na bacia do rio Tocantins e os Ocidentais, que vivem na T.I. Apyterewa, na bacia do rio Xingu. Autodenominados Awaeté, que quer dizer em tupi “gente verdadeira”. Os Parakanã que vivem na região do rio Xingu apresentam em sua organização social diversas características influenciadas pelo contato com os Tória (não-indígenas ou "brancos"), ocorrido de forma mais intensa a partir da década de 1970. Esse processo reflete uma história de interação relativamente recente com a sociedade não indígena.

Atualmente estão distribuídos em vinte e uma (21) aldeias, sendo que fazem parte da Terra Indígena Apyterewa: Ikato, Paranopiona, Xiwe, Kanãa, Kae'eté, Paranoa (Igarapé Bom Jardim), ao longo do Rio Xingu tem as aldeias: Itamaratá, Apyterewa, Pypy, Itaéte, Xingu, Paranopitoga, Xahitata, Paranomokoa, Itapema, Paranoeté, Raio de Sol, no rio São Sebastião estão as aldeias: Paredão, Kapara, Tekatawa.

A Terra Indígena Parakanã está sob impacto indireto da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e de todos os problemas que vieram junto com ela. Os Parakanã vêm se organizando social e politicamente junto a Associação Indígena Tato'a para proteger seus territórios, gerir os recursos naturais de suas terras de maneira sustentável e valorizar suas tradições, pois segundo Baitello (2022, p. 38), o território “é abrigo, casa e sem ele é impossível obter as condições necessárias para a reprodução da vida”.

A TI Apyterewa está localizada entre os municípios de Altamira e São Felix no estado do Pará, com área de 773 mil (ha) é habitada pelo povo Parakanã, com população de aproximadamente 1.383, segundo os dados do IBGE 2022. Tal como se verifica no Mapa da Terra Indígena na Figura 01, a seguir:

Figura 01- Localização da área de estudo. Org: Hermogens F.L Gonçalves



No âmbito da organização social e cultural do grupo, as mulheres Parakanã desempenham um papel central na produção do artesanato, sendo as principais responsáveis pela confecção de objetos que carregam símbolos identitários e culturais. Geralmente, elas começam a aprender essas práticas ainda na infância, por volta dos 7 a 10 anos de idade, observando e auxiliando suas mães, avós e outras mulheres mais velhas da comunidade. Esse aprendizado ocorre de forma oral e prática, dentro das aldeias, em um processo contínuo de transmissão de conhecimentos intergeracionais.

Elas são, em sua maioria, mães e cuidadoras, equilibrando o trabalho artesanal com a criação dos filhos e as demais atividades da aldeia. O estado civil varia, sendo comum a união formal ou tradicional com membros da comunidade. Algumas mulheres também desempenham funções políticas dentro da organização social da aldeia, participando ativamente das decisões comunitárias. Nas Figuras 2 e 3 é possível observar aspectos do cotidiano das mulheres Parakanã no cuidado dos filhos e dos fazeres domésticos:

Figura 2 e 3- Mulheres Parakanã no cuidado dos filhos e fazeres domésticos



Fonte: Autoras, 2022.

A justificativa para esta pesquisa fundamenta-se na importância acadêmica e social de documentar, analisar e preservar os saberes artesanais das mulheres Parakanã da Terra Indígena Apyterewa, compreendidos como componentes centrais da identidade e cultura deste povo. A pesquisa tem relevância acadêmica ao contribuir para o campo dos estudos culturais, antropológicos e geográficos, oferecendo uma visão interdisciplinar de como o artesanato atua na construção, manutenção de identidades, valores, práticas tradicionais e na valorização do território indígena. Além disso, ao explorar o artesanato indígena como forma de resistência cultural este trabalho se alinha às discussões contemporâneas sobre diversidade cultural e preservação ambiental.

Do ponto de vista social, a pesquisa oferece um ganho significativo ao dar visibilidade à experiência das mulheres Parakanã, que desempenham um papel essencial na transmissão intergeracional de saberes e procura contribuir no fortalecimento da economia local. A pesquisa pode, ainda, auxiliar em iniciativas de políticas públicas e na criação de programas de apoio ao artesanato indígena, promovendo uma economia sustentável baseada em práticas tradicionais. Em um contexto de globalização valorizar e documentar o artesanato como patrimônio cultural imaterial torna-se uma ação relevante não apenas para o povo Parakanã, mas para a sociedade como um todo, que enriquece seu entendimento sobre a diversidade cultural e o papel dos povos indígenas na conservação ambiental e na sustentabilidade.

Assim, este estudo visa contribuir para o fortalecimento da cultura Parakanã e para o avanço dos estudos sobre a relação entre cultura, economia, meio ambiente e a relevância das mulheres indígenas. Neste sentido, procurou investigar e analisar a importância das mulheres Parakanã na produção artesanal como meio de transmissão cultural e valorização da identidade indígena, compreendendo como o artesanato contribui para a valorização da identidade cultural Parakanã. A identidade cultural dos Parakanã não é um elemento fixo, mas algo

constantemente reconstruído, especialmente diante das transformações impostas por grandes projetos na região. Como destaca Saraiva (2005):

Os movimentos de reconstrução de identidades étnicas encontram-se no centro das discussões acadêmicas. Conforme Barth (1969-1988), as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são, ao contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes (SARAIVA, 2005, p. 4).

Assim, o artesanato tradicional se torna um meio essencial para reafirmar essa identidade, transmitindo conhecimentos ancestrais e fortalecendo a coesão social dentro das aldeias. Para isso analisou-se os principais desafios enfrentados pelas mulheres Parakanã na transmissão dos saberes artesanais dentro da comunidade bem como compreender as tensões na relação do uso desses recursos naturais com a preservação ambiental na Terra Indígena Apyterewa no contexto da UHE Belo Monte. Deste modo, os objetivos específicos procuraram-se:

- 1) Investigar as técnicas e materiais utilizados na produção artesanal Parakanã e sua relação com o ambiente natural.
- 2) Documentar o processo de transmissão dos saberes tradicionais entre gerações, entendendo o papel das mulheres nesse contexto.
- 3) Explorar as práticas de sustentabilidade no uso de materiais locais e os impactos dessas práticas no território indígena.

Partiu-se da hipótese que o artesanato produzido pelas mulheres Parakanã desempenha um papel essencial na construção e preservação da identidade cultural, além de servir como modelo de economia sustentável que se alinha aos princípios ecológicos da própria comunidade. A produção artesanal indígena, ao recorrer ao uso consciente dos recursos, fortalece o território e resiste a processos de degradação ambiental.

3. Metodologia, Material e Método

O estudo segue uma abordagem qualitativa, focada em métodos etnográficos, como a observação participativa com as artesãs Parakanã. O trabalho etnográfico permite uma compreensão mais profunda dos significados e rituais envolvidos nas práticas artesanais (Malinowski, 1922). A pesquisa bibliográfica sobre cultura material, identidade indígena e sustentabilidade complementa a investigação em campo, proporcionando uma base teórica sólida, autores utilizados: (Berta G. Ribeiro 1985), (Geertz 1973) , (Tilley 1994). A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e etnográfica, fundamentada na observação participativa e no contato direto com as artesãs Parakanã da Terra Indígena Apyterewa. A metodologia busca registrar, de forma detalhada os processos de produção artesanal, o papel das mulheres na transmissão dos saberes e a relação entre o artesanato e o território. O contato direto com a

comunidade permitiu compreender o processo artesanal, desde a coleta dos materiais até a comercialização dos produtos.

4. O Artesanato: o saber fazer das mulheres Parakanã

O artesanato Parakanã não é apenas um produto estético ou funcional, ele representa uma ligação com a natureza e um reflexo da organização social da aldeia. E para melhor compreensão do processo de produção, é essencial observar cada etapa do processo. A produção artesanal inicia-se com a coleta das matérias-primas, um processo essencial que envolve conhecimento sobre a floresta e seus ciclos naturais. As artesãs são responsáveis por essa coleta, mas também podem contar com a ajuda de seus maridos e filhos para obter determinados materiais. Nas Figuras 4 e 5 pode-se observar a ida na mata em busca dos materiais:

Figura 4 e 5- Saída de barco para colheita do material, adentrando na mata.



Fonte: Autoras, 2022.

A coleta desse material, ocorre geralmente nos arredores das aldeias, na floresta e às margens dos rios, onde encontram-se os principais insumos. As artesãs utilizam recursos naturais de forma sustentável. Entre os materiais mais comuns estão: Fibra de tucum e cipós- utilizadas na cestaria; Sementes (olho de boi, olho de cabra, maracá) – empregadas na confecção de colares e pulseiras; tintas naturais – extraídas de plantas, sementes e cascas, utilizadas na pintura dos artefatos. Como mostram as figuras 6,7 e 8 abaixo:

Figura 6,7 e 8 - Percurso para coleta do material, catando as sementes, jenipapo.



Fonte: Autoras, 2022.

As etapas da produção artesanal de cada artesanato é parte mais importante do produto. A cestaria é uma das produções mais emblemáticas do artesanato Parakanã. O processo envolve colheita da matéria prima, preparação das fibras, tecelagem. A coleta coaduna-se com as estações vividas pelos Parakanãs. Por exemplo, no inverno, as mulheres indígenas Parakanã preparam-se para buscar as folhas novas do tucum. O caminho é longo, podendo ir andando ou de rabeta (meio de transporte fluvial), entram cerca de 50 a 100 metros mata adentro.

Geralmente essa coleta é feita em grupo de quatro a oito artesãs. Atentas à floresta, ouvindo o farfalhar das folhas, dos animais e sentindo o cheiro úmido da terra. Logo em frente dão sinal umas às outras, avisando que encontraram as palmeiras e começa a coleta, cuidadosamente, sabendo exatamente o ponto de extração dessa matéria prima, enquanto outras organizam os feixes. Depois, voltam para a aldeia, levando o material que será trabalhado, no caminho já realizam parte do trabalho, extraíndo a fibra das folhas e desbulhando o olho da palmeira.

Figura 9 e 10: Preparação das fibras de tucum e tukoa na mata e dentro do barco.



Fonte: Autoras, 2022.

Na aldeia, o trabalho continua, as artesãs retiram a fibra do tucum, no outro dia, deixam para secar no sol, depois retiram as pontas que não são fibras e começam a fazer linha na própria perna, até obter um comprimento no qual consigam fazer rolo (um novelo). As figuras 11, 12 e 13 mostram o processo de secagem do tucum.

Figura 11, 12 e 13- Primeiro, segundo e terceiro dia de secagem da fibra.



Fonte: Autoras, 2022.

A Coleta do Cipó Titica- KORAWA acontece de forma diferente, elas podem buscar esse material ao longo do ano todo, mas a época mais comum é durante o período das águas, quando a seiva está mais fluida, ou seja, é um período no qual as plantas absorvem mais água do solo e isso faz com que a seiva (o líquido que circula dentro das plantas, transportando nutrientes) fique mais abundante e menos densa, facilitando a extração e o manuseio da fibra, pois a planta fica mais maleável, menos rígida e mais fácil de raspar e dividir.

Se o cipó for colhido em uma época seca, por exemplo, pode estar mais duro e difícil de trabalhar. As artesãs indígenas vão juntas até a mata, onde encontram os cipós enroscados entre as árvores. Com um facão, cortam em um ponto específico do cipó, sabendo exatamente onde cortar, pois se cortar muito embaixo perdem aquele ponto de colheita, pois o cipó deixa de crescer, posteriormente, fazem os rolos e trazem para a aldeia. Esse processo de coleta demonstra todo um saber fazer das mulheres Parakanã, seus conhecimentos sobre os recursos da floresta.

Durante o percurso o trabalho segue, raspando a casca com faca ou facão, revelando a fibra resistente. Já na aldeia, dividem o cipó em tiras finas e, com cuidado, ajeitam cada uma delas, deixando-as no ponto certo para a produção do artesanato. Enquanto estão na mata buscando o tucum e o cipó titica, também observam atentamente o chão e as árvores ao redor, pois as sementes são matéria prima essenciais para confecções dos colares, pulseiras, brincos e tiaras, como também são excelentes para composições das cestarias. Geralmente, as sementes são encontradas caídas no solo, o que facilita a colheita, outras, precisam ser retiradas diretamente dos frutos, exigindo mais paciência e cuidado. Entre as mais usadas estão as sementes de açaí, jarina, paxiúba, entre outras, cada uma trazendo um significado especial.

Depois da coleta, voltam para a aldeia e iniciam o processo de preparo, onde as sementes são lavadas, secas ao sol e furadas uma a uma, respeitando seu formato e resistência. É um trabalho delicado, feito com mãos habilidosas e muita atenção. No Quadro 1, pode-se observar de modo detalhado os produtos naturais e seus usos diversos pelas mulheres:

Quadro 1 – Produtos Naturais e Seus Usos

Produto Natural	Uso
Fibra de tucum	Cestaria, bolsas, tiaras, pulseiras, colares, tipoias, redes
Cipó titica	Cestaria, vassouras

Sementes (olho de boi, maracá, olho de cabra)	Colares, pulseiras, brincos, decoração de cestarias
Tinturas naturais	Tingimento de cestos e pinturas tradicionais corporais

Fonte: Dados de Campo, 2022/ Organizado pelas autoras.

5. Produção do Artesanato: trançados, formas e significados

As mulheres Parakanã confeccionam vários tipos de artesanato como: cestarias, colares, pulseiras, colares e brincos. A técnica da tecelagem é utilizada em todos os produtos. Nessa técnica, as artesãs utilizam o modo tradicional para trançar formando padrões geométricos que possuem significados culturais. No que se refere, por exemplo, aos cestos podem ser deixados em sua cor natural ou tingidos com pigmentos vegetais.

Os adornos com a confecção de colares, pulseiras e brincos envolve a seleção das sementes e materiais naturais – as sementes são lavadas, secas e perfuradas para montagem das peças. Para o design as mulheres criam combinações de cores e padrões inspirados na natureza e nas narrativas da comunidade. Cada etapa desse processo não é apenas um trabalho, é um ritual de conexão com a natureza e com a ancestralidade.

Todos os materiais coletados pelas mulheres Parakanã formam peças belíssimas, das fibras de tucum, dos cipós titica e das sementes as peças ganham formas. A fibra de tucum como pode ser observado no Quadro 2 a seguir, é utilizado em uma variedade de peças para a confecção de artesanato e para a confecção de objetos para o uso cotidiano como vassouras, bolsas, tipoias, redes etc.

Quadro 2 - Matérias-Primas e Artesanato Produzido

Produto	Matéria-Prima
Cestaria	Fibra de tucum, cipó titica, sementes
Pulseiras	Fibra de tucum, sementes
Colares	Fibra de tucum, sementes
Bolsas	Fibra de tucum, sementes
Braceletes	Fibra de tucum, sementes
Saias	Fibra de tucum, sementes de manacá
Sutiã	Fibra de tucum, sementes de manacá
Tipoia	Fibra de tucum

Rede	Fibra de tucum
Tiara	Fibra de tucum
Vassoura	Cipó titica

Fonte: Dados de Campo, 2022/ Organizado pelas autoras.

Ressalto que as mulheres Parakanã não se dedicam exclusivamente à confecção do artesanato. Seu tempo é dividido entre os afazeres domésticos, a criação dos filhos, a coleta das matérias-primas e a produção artesanal. Por isso, não há um tempo exato para a finalização de cada peça. Além disso, a coleta dos materiais naturais exige várias idas à mata, pois uma única coleta não é suficiente para reunir toda a matéria-prima necessária e essa dinâmica reflete a forma como o artesanato está integrado ao cotidiano e à organização social das mulheres da aldeia.

6. COMERCIALIZAÇÃO DO ARTESANATO

A venda do artesanato Parakanã ocorre principalmente através de feiras, eventos culturais e parcerias com entidades de apoio aos povos indígenas. A relação das artesãs com o dinheiro é um processo de aprendizado contínuo, pois historicamente o sistema econômico das aldeias era baseado na troca e na partilha. A comercialização introduziu novos desafios, como a precificação dos produtos e a busca por parceiros comerciais.

A Associação Indígena Tato'a (AIT) é a principal organização do povo Parakanã para articulações territoriais, políticas e econômicas. Em 2021, com base no plano de vida do povo Parakanã, foi criada uma loja de artesanato com a participação integral das mulheres artesãs. Assim, surgiu a KANIA - Artes Parakanã, com o objetivo de representar todo o artesanato da Terra Indígena Apyterewa.

O nome KANIA possui um significado especial para a comunidade, pois era o nome de uma artesã anciã que sempre enfatizava a importância de preservar a tradição artesanal do povo Parakanã. Dessa forma, a loja foi estabelecida para organizar e fortalecer a comercialização do artesanato, garantindo maior autonomia às mulheres e possibilitando melhores condições de negociação. Todas as mulheres artesãs estão associadas, o que gera melhor acesso ao mercado e na estruturação da produção.

O tempo destinado ao artesanato varia de acordo com as atividades diárias das mulheres. Muitas dedicam algumas horas do dia à confecção, conciliando essa prática com os afazeres domésticos e a participação em atividades comunitárias. Há casos em que a produção é intensificada para atender a grandes pedidos ou eventos.

Os conflitos na comercialização do artesanato indígena estão ligados, principalmente, à precificação, à distribuição dos lucros e às formas de venda. Embora as mulheres recebam o dinheiro diretamente, a maior dificuldade está na aceitação do preço estabelecido, já que muitos compradores resistem a pagar o valor justo. Os pagamentos acontecem nas aldeias, mas, quando as vendas não correspondem às expectativas, algumas artesãs ficam desmotivadas e optam por vender diretamente, sem a intermediação da Associação.

Além disso, há uma preocupação crescente com a apropriação indevida dos saberes tradicionais por empresas externas, o que ameaça tanto a valorização cultural quanto a sustentabilidade econômica da produção artesanal. Diante desse cenário, torna-se essencial a implementação de políticas públicas que fortaleçam a autonomia das mulheres artesãs, assegurando que seu trabalho continue sendo uma legítima expressão da identidade e cultura do povo Parakanã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre o artesanato das mulheres Parakanã da Terra Indígena Apyterewa revelou a profundidade e a complexidade dessa prática, que vai além da produção de objetos utilitários e se estabelece como um pilar da identidade cultural e da economia comunitária. A transmissão dos saberes artesanais entre gerações demonstra a resiliência das mulheres Parakanã, que desempenham um papel essencial na preservação de conhecimentos ancestrais, na organização social da aldeia e na manutenção dos laços com o território.

Ao longo do estudo, identificou-se que a prática artesanal não apenas resiste às pressões da modernidade e da globalização, mas também se adapta a novas demandas, garantindo a

sustentabilidade econômica das artesãs. No entanto, esse processo não está isento de desafios. As dificuldades de acesso a matérias-primas devido ao impacto ambiental da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, a inserção em mercados muitas vezes desvalorizadores da cultura indígena e a luta pela valorização do trabalho artesanal são algumas das barreiras enfrentadas por essas mulheres.

O uso de recursos naturais na confecção do artesanato reforça a relação dos Parakanã com o meio ambiente e evidencia uma forma de manejo sustentável do território. A coleta responsável de fibras, cipós e sementes revela um conhecimento ecológico sofisticado, que permite a continuidade da produção sem comprometer os ecossistemas locais. Assim, o artesanato Parakanã se posiciona como um exemplo de economia sustentável, alinhando tradição e inovação.

Diante dessas reflexões, este trabalho destaca a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a autonomia das mulheres indígenas, promovam a valorização do artesanato e garantam condições justas para sua comercialização. Além disso, evidencia-se a importância do reconhecimento do artesanato indígena como patrimônio cultural imaterial, assegurando sua continuidade como expressão legítima da identidade e resistência do povo Parakanã.

Ao documentar e analisar essa prática cultural, esta pesquisa contribui para a valorização dos saberes indígenas e reforça a urgência de preservar essas tradições em um cenário de rápidas transformações. O artesanato das mulheres Parakanã é, portanto, mais do que uma atividade econômica: é um símbolo de luta, resistência e conexão com o território, reafirmando a identidade desse povo e a importância da manutenção de seus modos de vida.

Finalizo este trabalho com imensa satisfação por ter tido a oportunidade de conhecer de perto a vivência das mulheres Parakanã e aprender com sua sabedoria. Cada experiência compartilhada, cada conversa e cada peça artesanal produzida carregam um valor inestimável, que me marcou profundamente. Expresso aqui meus sinceros agradecimentos ao povo Parakanã, que me recebeu com generosidade e me permitiu fazer parte deste processo. Que este estudo possa contribuir para a valorização de sua cultura e para o fortalecimento de sua identidade.

REFERÊNCIAS

BAITELLO, Clara B. **Redes de vigilância no Xingu: a reconfiguração do território ribeirinho**. Dissertação (Pós- Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Altamira, 2022.

GELL, Alfred. **Art and Agency: An Anthropological Theory**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1922.

MARINHO, José Antônio Magalhães; SILVA, Daniela Soares da; SARAIVA, Márcia Pires. **Movimento Xingu Vivo Para Sempre: da resistência à hidrelétrica Belo Monte a lutas por envolvimento e direitos territoriais no Médio Xingu**. Revista Verde Grande, v. 5, n. 2, 2023.

MARINHO, José Antônio Magalhães; PINA, Paulo; SARAIVA, Márcia Pires; **A pesca artesanal entre camponeses ribeirinhos da comunidade São Marcos no baixo rio Xingu: práticas, saberes e territorialidades**. Mares: Revista de Geografia e Etnociências, v. 5, n. 2, 2023.

RIBEIRO, Berta G. **Arte Indígena no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1988.

SARAIVA, Márcia Pires. **Sob o signo da identidade: os índios Juruna da TI Paquiçamba e a ameaça da UHE Belo Monte**. Belém: NAEA/UFPA, 2005.

SIMONIAN, Lígia. **Mulheres da floresta Amazônica entre o trabalho e a cultura**. Naea: Belém, 2001.

Debora Rodrigues de Melo

Universidade Federal do Pará/ Graduada em Licenciatura Plena em Geografia.

Email: deboramelo.atm@gmail.com

Marcia Pires Saraiva

Universidade Federal do Pará/ Doutora em Educação/ Orientadora

Email: marcia@ufpa.br